**VIOLÊNCIA ESCOLAR:**

Conceitos e motivações

Adriano de Jesus Santos

**INTRODUÇÃO**

Pretende-se nesse trabalho fazer um diagnóstico da violência dentro das escolas. É comum a ocorrência dos mais variados tipos de atos violentos em um ambiente construído e preparado para ser tão e somente um local de aprendizagem. Se esse tema chamou a atenção é porque se trata de uma situação que interfere no processo de ensino aprendizagem, modificando negativamente o pleno desenvolvimento do individuo.

 Trata-se de quadro preocupante que faz levantar algumas questões que servirão como norteadoras desse trabalho. Por que a violência escolar gera tantas preocupações equais as suas principais causas? Quais as dificuldades do processo de diciplinarização? Na busca por resposta a essas questões, a expectativa com a pesquisa e a aprendizagem adquirida é entender melhor as diversas faces desse problema e assim adquirir maior capacidade de superá-lo.

Para o desenvolvimento do trabalho tornou-se necessário a análise de alguns conceitos que servirão de base teórica para a elaboração desse trabalho. É imprescindível, por exemplo, discutir a escola enquanto um organismo vivo que recebe influências do mundo externo. Além disso, o próprio conceito de violência deve ser analisado. O que é e como ela se manifesta são questões centrais que facilitará a compreensãode toda a discussão em torno da temática. Para tanto, essa discussão foi dividida em duas partes principais. Na primeira, define-se e elabora-se um quadro com as principais causas da violência escolar e na segunda discute-se o processo de disciplinarização com toda a problemática que o envolve.

**1- VIOLÊNCIA ESCOLAR: CONCEITOS E CAUSAS**

Existe um consenso no meio acadêmico de que a violência escolar depende de elementos culturais, históricos e individuais. Essa característica justifica a complexidade desse fenômeno. Stelco-Pereira preocupa-se em expor definições, o que demonstraria a dificuldade em se adotar uma única definição para o termo (2010, p.46). Para Abramovay tal cautela se explica pelo fato de se tratar de algo dinâmico e mutável, pois seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam (2005, p.46).

Conhecer as múltiplas perspectivas de um fenômeno tão complexo como esse, mesmo com as dificuldades apontadas pelos autores, é importante para se entender esse aspecto das relações sociais ocorridas dentro da escola e que, certamente, interfere na aprendizagem dos alunos. Define-se aqui como violência escolar qualquer ato que atente contra o físico e a moral ocorrido entre os integrantes da instituição de ensino.

Um aspecto que merece ser destacado é que a violência escolar não acontece necessariamente dentro da escola. Trata-se da análise do fenômeno considerando sua localização geográfica (STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2010, p.48). De acordo com tal perspectiva a violência escolar pode ocorrer no trajeto casa-escola, em locais em que acontecem passeios ou festas escolares e até mesmo, na própria residência e bairro do estudante como consequências de conflitos mal resolvidos dentro da instituição educacional. Além disso, em um mundo marcado pela tecnologia e pelos relacionamentos virtuais, a violência escolar invade mais um espaço, aumentando ainda mais a sua abrangência espacial.

Há também pesquisadores que propõe um sistema de classificação dos atos violentos ocorridos nas escolas. Nessa perspectiva,Charlot, (2002, p. 8-9) identifica três tipos de manifestações. O primeiro é o tipo de violência ocorrido na escola, aquela que é produzida dentro do espaço escolar sem que esteja ligada às atividades educacionais daquela instituição onde o fato aconteceu. São comuns nos noticiários ocorrências policiais decorrentes de acerto de contas e que envolve indivíduos que não fazem parte do corpo discente e nem da equipe de profissionais. O espaço escolar torna-se cenário de um ato que poderia ter acontecido em outro lugar. O segundo tipo de violência escolar é a aquela que acontece contra a escola, refere-se à depredação do patrimônio público e ao desacato aos profissionais. Por fim, Charlot classifica no terceiro tipo o que ele chama de violência da escola enquanto instituição, manifestada por meio de como a escola se organiza e trata seus alunos.

O referido autor não identifica os próprios alunos enquanto indivíduos que também são responsáveis pela violência escolar. Mesmo não concordando com essa absolvição de responsabilidade feita por Charlot, a análise feita por ele é relevante porque ajuda a entender melhor o fenômeno na medida em que considera as manifestações de diversas ordens. No entanto, tal perspectiva é insuficiente para se compreender certos tipos de manifestação da violência que dizem respeito, por exemplo, a problemas de relacionamento entre os alunos. Pois, a violência no sistema educativo também se dar por causa da competição, da seleção, discriminação e exclusão, fatores que não acontecem apenas pela instituição, mas sim pelos próprios alunos nas suas relações de poder dentro da escola (DADOUN, 1998, p.99).

Ainda com relação às causas da violência dentro das escolas é relevante a ideia de que “a violência funciona como um último recurso que tenta restabelecer o que é justo, segundo a ótica do agressor” (MPES, p.12). De acordo com essa perspectiva, um simples diálogo seria capaz de evitar atos desse tipo e a própria violência é uma medida corretiva que tenta consertar o que o diálogo não foi capaz de solucionar. Daí a afirmação de que

“sempre que houver violência é porque, alguma coisa estava anteriormente errada. É a “coisa errada” a real causa que precisa ser corrigida (...). o aluno não comete violência sem motivo. Observe que quando um aluno agride o outro ou um professor, normalmente o faz em função de alguma situação que considerou desrespeitosa. Em geral a raiva que enlouquece a ponto de gerar a violência é consequência do nível de desrespeito envolvido na respectiva questão (...) a comunidade escolar deve se conscientizar de que violência não é ação, violência é reação. (MPES, p.13).

De acordo com essa abordagem, a responsabilidade pelas ocorrências dentro das escolas é dos profissionais que trabalham nela. Se ocorrer uma briga dentro da sala de aula, o professor mostrou-se incapaz de perceber e intervir antes que a violência física ocorresse ou então porque fez uma intervenção considerada desrespeitosa. Se o aluno já chegou à escola em seu limite de paciência e tolerância, os pais foram incapazes de perceberem a mudança de comportamento e não se beneficiou do diálogo para evitar que o mesmo manifestasse atos de violência na instituição de ensino onde estuda. A “causa errada” a qual a citação faz referência e que precisa ser corrigida é essa falta de diálogo cuja principal consequência é a violência.

Tanto a abordagem de Charlot quanto a do MPES, ajudam a compreender melhor boa parte dos aspectos que envolvem essa problemática. No entanto, entende-se a escola como um ambiente onde os alunos têm a tendência de reproduzir as relações sociais com as quais eles convivem fora dela. Essa perspectivaexige repensar as duas propostas de análise citadas aqui e direcionar para a teoria muito criticada do determinismo social. A escola não produz alunos violentos, ela é apenas um local onde a violência se manifesta.

Não estar-se nos referindo àquele determinismo social doentio e pessimista queafirma que os indivíduos são produtos do meio em que vivem. Se assim o fossedefender-se-ia a equivocada ideia de que os alunos são violentos porque eles nascem e crescem em um meio com essa característica. No entanto, essa teoria chama atenção para a necessidade de se considerar as influências que o meio social exerce sobre o comportamento humano. Sobre isso Donald Pierson afirma que

“o corolário inevitável dos fatos é que, para explicar qualquer tipo de conduta humana, devemos ir aos costumes do grupo em que esse comportamento ocorre. A conduta humana não se explica à base de Astronomia, Física, Química ou mesmo Biologia; tem que ser explicado referindo-se às expectativas de comportamento (cultura) e aos processos sociológicos” (1981, p.275).

As influências do meio social ficam nítidas quando se analisa o próprio perfil dos alunos violentos. Um estudo realizado em 2001 por Margarida Matos e Susana Carvalhosa, baseado em inquéritos a 6903 alunos de escolas escolhidas aleatoriamente, com as idades médias de 11, 13 e 16 anos, analisaram a violência na escola entre vítimas e agressores revelou que boa parte deles vivenciaram cenas de violência seja em casa ou nas ruas.

Eles também apresentam na família algum caso de envolvimento com drogas, ficam horas em frente ao computador jogando jogos violentos ou assistindo, na televisão, filmes com essas mesmas características. Outro fator importante na definição do perfil dos alunos violentos é a desestruturação familiar, pois essa condição interfere no interesse que eles têm de ir à escola. Não se pode esquecer também daqueles que não são bem vistos nem bem quistos e agem violentamente para se firmarem no grupo não aceitando o isolamento. O referido estudo vem reforçar a relevância dos contextos sociais dos jovens, aparecendo bem focados como fatores desencadeadores de comportamentos violentos.

Essa justificativa também poderia ser dada para a constatação de que a intensidade de violência das escolas públicas é maior do que nas da rede privada. Subtende-se que tais estudantes por residirem, em sua maioria, na periferia da cidade convivem mais intensamente com a violência dentro de casa ou no bairro onde mora. Além de não conviver, quase sempre, em um contexto desfavorável os estudantes da rede privada têm um suporte e motivação maior, pois boa parte deles tem como referências pessoas que conseguiram ter sucesso na escola. Outro fator importante é a vigilância maior que as escolas particulares impõem em seus estabelecimentos.

Uma pesquisa realizada nas escolas de São Paulo (Apeoespe, 2007), depois de constatar que as escolas públicas sofrem de vandalismo,demonstrou que nas escolas particulares a realidade era bem diferente. Um grande colégio da Zona Sul de São Paulo nunca registrou casos de violência. Segundo a direção, a vigilância inibe atitudes agressivas: há câmeras na porta do banheiro ou apontadas para o pátio; o crachá deve ficar pendurado no pescoço e ninguém entra ou sai sem passar pela catraca eletrônica. A escola também se armou para afastar a violência do lado de fora, pois levantou o muro, instalou seis câmeras e contratou seguranças.

Em seu estudo sobre a violência entre os adolescentes, Farrington (2002) identifica o que ele chamou de fatores de risco para a violência desse público. Inicialmente ele se refere aos fatores psicológicos como a hiperatividade, impulsividade, controle comportamental deficiente, problemas de atenção, o nervosismo, a ansiedade, baixa inteligência e desempenho escolar deficiente. O segundo grupo de fatores é a dos familiares como a supervisão parental deficiente, pais agressivos e conflito entre os pais e, até mesmo a ausência da figura paterna. Além disso, castigos corporais severos e maus-tratos físicos infligidos pelos pais costumam ser prenúncio de delitos violentos cometidos pelos filhos homens. O autor também cita como fatores determinantes os relativos a colegas, condição socioeconômica e vizinhança. Por fim, existe o que ele chamou de fatores circunstanciais que explicam porque razão o potencial de violência se atualiza em determinadas situações fazendo com que algumas pessoas tenham maiores probabilidades de cometer violência que outras (2002, p. 30-8).

Ainda analisando as causas desse fenômeno, Mariel conclui sua pesquisa afirmando que a violência manifesta uma afirmação de poder sobre o outro e a conquista desse poder é o que gera as diversas formas de violência (2006, p.38). Trata-se de uma linha conceitual mais genérica por identificar apenas uma motivação para a maioria das infrações que acontecem dentro das escolas. Dessa forma pode-se apontar a discriminação, o preconceito, a crise de autoridade do mundo adulto (que são alguns dos acontecimentos que os autores até aqui citados afirmaram ser causadores de atos violentos), como consequências das relações de poder existentes entre os alunos ou entre esses e os profissionais da escola. É por achar que a escola reproduz as mazelas da sociedade que o referido autor afirma que “as violências que ocorrem na escola devem ser compreendidas à luz da violência vivida e testemunhada extramuros escolar” (2006, p.39).

Em uma importante análiseda temática Nunes e Abramovay enumeraram alguns aspectos explicativos ou associativos da violência escolar, que certamente poderá ajudar a compreender melhor as suas causas.

1. Gênero – meninos se envolvem mais em situações de violência, seja como vítimas ou autores; 2. Idade – o comportamento agressivo é associado ao ciclo etário; 3. Etnia – resistência dos alunos de minorias étnicas ao tratamento discriminatório por parte de colegas e professores; 4. Família – alvo de controvérsia, especialmente pelas “características sociais das famílias violentas”; 5. Ambiente externo – comunidades com sinais de abandono ou decadência estão mais vulneráveis à violência; 6. Insatisfação/ frustração com as instituições e a gestão pública – falta de equipamentos e recursos didáticos e humanos, além da baixa qualidade do ensino; 7. Exclusão social – restrições à incorporação de parte da população à comunidade política e social; 8. Exercício de poder – desestímulo e discriminações contribuindo para desrespeitar os direitos humanos dos alunos à proteção. (2003, p.55).

Dos oito aspectos elencados por Nunes e Abramovay, três relaciona violência às experiências dos alunos em suas relações fora dos muros escolares. Além das condições da família, percebe-se também o ambiente externo, exclusão social e o exercício de poder. É interessante constatar que os demais, excetuando a que se refere às questões raciais, não têm relação direta com a escola. As questões de gênero e idadese referem a condições psicológicas que se manifestam dentro das instituições de ensino, mas não são determinadas por elas. Deve-se esclarecer que não se está livrando as escolas de suas responsabilidades quanto a essa situação. Garantir a aprendizagem dos alunos inclui buscar mecanismos para anular aqueles aspectos que atrapalham os resultados do ensino.

**2- O PROCESSO DE DISCIPLINARIZAÇÃO**

Talvez a questão principal seja como disciplinar os alunos. É o processo de disciplinarização que vai fazê-los entender as normas e respeitar as outras pessoas. Disciplina é a ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização, demonstrando submissão a um dado regulamento. O aluno que se recusa a seguir as normas dentro ou fora da sala de aula atrapalha o processo educativo, diminuindo as possibilidades de rendimento satisfatório tanto dos colegas quanto dos professores. O problema pedagógico de desenvolver disciplina consiste em harmonizar os estímulos ativos na escola, concentrá-los nos objetos de ensino e sustentar a sua eficácia. E aqui a manutenção da ordem revela a sua importância, pois ela exclui os impulsos individuais e a inquietação.

As soluções para o problema da indisciplina e, consequentemente, da violência escolar, dependem de ações extra e intra-escolares. A escola deve se preocupar com todas as questões que interferem no desenvolvimento pleno do indivíduo. É preocupada com a eficácia e os desafios das instituições de ensino que Abramovay (2003) identifica as principais estratégias que funcionaram em algumas escolas públicas bem-sucedidas. Inicialmente o clima escolar deve ser favorável e amigável, caracterizado pela sua confiabilidade. É fundamental também a dedicação dos professores e bom entrosamento social com utilização do diálogo e do trabalho coletivo. Para completar esse perfil de escola ideal vale a pena recorrer ao incremento da sociabilidade e da construção do sentido de pertencimento a ela.

No entanto, a família também tem suas responsabilidades no combate da violência escolar. A sociedade necessita de certa unidade e harmonia no comportamento de seus membros e para obtê-la serve-se amplamente da família (PIERSON, 1981, p.63). É comum se ouvir entre os professores que educação se aprende em casa. Tal concepção parte do princípio de que a transmissão dos bons costumes e da moral social se dá, em grande parte por meio das relações sociais que se estabelecem dentro das famílias.

Égide Royer, afirma que, nosso conhecimento sobre as raízes da violência entre os jovens é relativamente bom. O que é urgente, de acordo com ele, é “intervir, formar melhor os educadores para evitar a violência na escola e lidar melhor com ela” (2002, p.253).

**3- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sendo o nosso recorte espacial a escola, é importante se definir as condições em que essa instituição deve se apresentar para que o ensino e aprendizagem ocorram da maneira mais eficaz possível. Cabe a ela a reflexão e a discussão de temas que acontecem em seus limites e que afligem a humanidade. Um desses temas, certamente é a violência. A escola não pode ficar indiferente aos atos dessa natureza, independente de suas causas. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional “a educação escolar deverá se vincular ao mundo do trabalho e à prática social” (1996, Art. 1°, § 2°). Esse objetivo não será alcançado se a escola não se preocupar em desenvolver entre seus discentes práticas sociais saudáveis, livres dos malefícios que afetam as relações sociais fora dos muros escolares.

A violência escolar varia em intensidade e tipos. Vai desde tapas e empurrões até brincadeiras sutis, mas que atenta contra a moral dos outros. Os alunos conhecem seus direitos e deveres, mas têm uma dificuldade muito grande em respeitar as normas e manter relações amigáveis com colegas e professores. Apesar de se tratar de um problema presente em toda a sociedade, não se pode permitir que a violência continue em escalada nas escolas. Isso porque a escola deve zelar pela aprendizagem, inclusive dos ideais de cidadania e respeito ao próximo.

A sociedade passa por constantes mudanças e o sistema escolar sofre pressão para responder de maneira satisfatória às deficiências da educação que os alunos recebem fora da escola. Não renegando esse aumento de responsabilidade, Libâneo (2005) convoca os educadores a fazerem uma opção que ele define como pedagógica. Tal opção seria necessária no “posicionamento diante de objetivos e modos de promover o desenvolvimento e a aprendizagem de sujeitos inseridos em contextos socioculturais e institucionais concretos” (LIBÂNEO, 2005, p. 18). Para que a escola realize a sua função social é importante os profissionais estarem cientes de que a realidade educativa está imersa em perplexidades, crises, incertezas, pressões sociais e econômicas, relativismo moral, dissoluções de crenças e utopias.

Essa nova realidade social potencializa a responsabilidade da ciência pedagógica. O que se faz ao tentar educar pessoas é “efetivar práticas que irão constituir sujeitos e identidades” (Libâneo, 2005, p.19). É justamente na possibilidade de construção do sujeito, que a escola mantém as esperanças de tornar seus alunos menos violentos e mais conscientes. A construção de uma escola pacífica é o anúncio de uma sociedade mais fraterna, cidadã, deixando a certeza de que os estudantes estão sendo desenvolvidos em sua plenitude.

**BIBLIOGRAFIA**

ABRAMOVAY, M. (2005). **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília:UNESCO no Brasil. Disponível em:<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452 /145265POR.pdf.> Acesso em:13 abril 2007.

BRASIL.**Lei de Diretrizes e Bases da Educação:** Lei 9.394/96.

CHARLOT, B. **Violência nas escolas**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, n. 8, jul./dez. 2002.

DADOUN, Roger. **A violência**: ensaio acerca do “homo violens”. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

FARRINGTON, David P. fatores de risco para a violência juvenil. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002, p.25-56.

LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. São Paulo: Alínea, 2005.

MARRIEL, Lucimar Câmara. **Violência escolar e auto-estima de adolescentes**. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127 p. 35-50, 2006.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESPÍRITO SANTO. **Orientações jurídicas e pedagógicas para a escola, família e comunidade**. CAPE: Vitória, 2009.

NUNES, M. F. R; ABRAMOVAY, M. **Escolas inovadoras: experiências bem- sucedidas em escolas públicas**. Brasília: Unesco; Fundação W. K. Kellogg; Unirio, 2003.

PIERSON, Donald. **Teoria e pesquisa em sociologia**. 18ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em Psicologia** -, v. 18, n. 1, p.45 – 55, 2010.

ROYER, E.A. **violência escolar e as políticas de formação de professores**. In: DEBARBIEUX, E.: BLAYA (orgs). Violências nas escolas e políticas públicas: Unesco, 2002, p.251-277.